



Mente e Intencionalidade da Filosofia de Brentano

Estudo sobre a natureza da mente e a questão da intencionalidade mental na filosofia de Franz Brentano e sua importância para a psicologia e a filosofia.

Mind and Intentionality in Brentano's Philosophy

Study on the nature of the mind and the question of mental intentionality in Franz Brentano's philosophy and its importance for psychology and philosophy

Mente e Intencionalidade en la Filosofía de Brentano

Estudio sobre la naturaleza de la mente y la cuestión de la intencionalidad mental en la filosofía de Franz Brentano y su importancia para la psicología y la filosofía

Antonio Sólon Rudá

Ph.D. student (Ciências Criminais na Fac de Dir da Universidade de Coimbra); e MSc student (Teoria do Direito pela Fac. de Dir da Univ de Lisboa). Membro da Fundación Internacional de Ciencias Penales; Advogado.

E-mail: antoniosolonruda@gmail.com

ORCID: orcid.org/0000-0003-0341-0649

Resumo

Neste trabalho busco fazer uma incursão a alguns aspectos da vida e da obra de Franz Brentano, um filósofo alemão, cujo epicentro geográfico de seus trabalhos se deu, principalmente, em Viena, na Áustria e em Florença, na Itália. Nesse contexto, busquei conhecer as origens e os fundamentos do pensamento de Brentano que o levaram a impactar de forma tão profunda os rumos da filosofia e da psicologia de sua época. Sua obra de maior destaque *Psychology from an Empirical Standpoint*, ainda não traduzida para o Português, serviu de guia para os objetivos propostos. Assim, tratou-se da psicologia como uma ciência da mente, dos fenômenos físicos e mentais e seus critérios de distinção, da classificação dada por Brentano aos fenômenos mentais, onde os dividiu em representação, juízo e sentimentos de amor e ódio e, por fim, de seu conceito intencionalidade.

Palavras-chave: Brentano. Franz. Clemens. Filosofia. Psicologia. Intencionalidade. Imanente.

Resumen

En este trabajo busco hacer una incursión en algunos aspectos de la vida y obra de Franz Brentano, filósofo alemán, cuyo epicentro geográfico de sus obras estuvo principalmente en Viena, Austria y Florencia, Italia. En este contexto, busqué conocer los orígenes y fundamentos del pensamiento de Brentano que lo llevaron a tener un impacto tan profundo en los rumbos de la filosofía y la psicología de su tiempo. Su obra más destacada, la psicología desde un punto de vista empírico, aún no traducida al portugués, sirvió de guía para los



objetivos propuestos. Así, se trató a la psicología como una ciencia de la mente, de los fenómenos físicos y mentales y sus criterios de distinción, de la clasificación dada por Brentano a los fenómenos mentales, donde los dividía en representación, juicio y sentimientos de amor y odio y, finalmente, de su concepto de intencionalidad.

Palabras clave: Brentano. Franz. Clemens. Filosofía. Psicología. Intencionalidad. Inmanente.

Abstract

In this work I seek to make an incursion into some aspects of the life and work of Franz Brentano, a German philosopher, whose geographical epicenter of his works took place, mainly, in Vienna, Austria and Florence, Italy. In this context, I sought to know the origins and foundations of Brentano's thought that led him to have such a profound impact on the direction of the philosophy and psychology of his time. His most prominent work *Psychology from an Empirical Standpoint*, not yet translated into Portuguese, served as a guide for the proposed objectives. Thus, psychology was treated as a science of the mind, of physical and mental phenomena and its criteria of distinction, of the classification given by Brentano to mental phenomena, where he divided them into representation, judgment and feelings of love and hate and, finally, of its concept of intentionality.

Keywords: Brentano. Franz. Clemens. Philosophy. Psychology. Intentionality. Immanent.

Recebido em: 15/10/2022

Aceito em: 20/12/2022

Introdução

Esta investigação não pretende uma incursão profunda em nenhum aspecto da filosofia de Franz Brentano, mas tão somente cumprir com uma meta que se resume numa aproximação à vida e ao legado filosófico desse autor, mormente à sua noção de intencionalidade. Nesse contexto, o objetivo principal é identificar algumas questões-problemas a partir dos postulados de Brentano sobre a intencionalidade.

Para cumprir esse objetivo, este trabalho foi dividido em duas partes, sendo que na primeira se abordou a vida e a obra de Brentano, sob uma forma geral e aproximativa, onde dei protagonismo à sua obra *Psychology from an Empirical Standpoint*, primeiro trazendo algumas curiosidades sobre a filosofia no tempo de Brentano, e depois alguns aspectos sobre a psicologia como uma ciência da mente, onde nosso autor faz enfáticas defesas pelo



reconhecimento mais sistemático por parte da comunidade científica para compreender e aceitar a psicologia como uma ciência. Ainda na primeira parte, trato dos fenômenos físicos e mentais e dos critérios de distinção entre ambos. Por fim, tratei da classificação dada por Brentano aos fenômenos mentais, onde os dividiu em três classes: *Representação, juízo e sentimentos de amor e ódio*.

A segunda parte deste trabalho foi destinada a uma breve aproximação à concepção de intencionalidade em Brentano, com ênfase especial à ideia oriunda dos clássicos gregos e dos escolásticos, principalmente Tomás de Aquino, que trata de uma *inexistência intencional*. Em boa medida, é disso que trata este trabalho investigativo, de uma aproximação perfunctória à vida e ao trabalho de um autor cujo legado inspirador parece inesgotável.

Sobre Franz Brentano - Da Escolástica ao Brentanismo

1. Alguns apontamentos sobre a vida e a obra de Brentano

Nascido **Franz** Clemens Honoratus Hermann Josef **Brentano**, na cidade de Boppard, em 16 de janeiro de 1838, na Alemanha, situada na Garganta do Reno, que é tombado pelas UNESCO como patrimônio da humanidade. Nosso filósofo, que mais tarde viria a ficar conhecido no mundo acadêmico como Franz Brentano, faleceu em Zurique, na Suíça no dia 17 de março de 1917, deixando uma vasta obra e um conjunto de teses e teorias que aos poucos vem ganhando força na comunidade acadêmica, nomeadamente nos cursos de pós-graduação de filosofia, colocando-o como um dos filósofos mais importantes da modernidade. Segundo PORTA (2002,97), “o nome de Brentano entrou para a história da filosofia em estreita conexão com o conceito de intencionalidade”.

Proveniente de uma linhagem de intelectuais, visto que seu pai, Christian Brentano, era escritor, a exemplo de seus tios Clemens Brentano e Bettina, que eram famosos escritores na

Alemanha, e representantes da escola romântica em seu país, Brentano viria a sofrer forte influência católica, principalmente devido à seu pai, que também exercia atividades de publicidade de assuntos católicos, e não à toa que Brentano foi ordenado padre ainda jovem, em 1864, e três anos depois, em 1867, apresentou sua tese de habilitação na Universidade de Würzburg, tendo se tornado professor titular em 1873.

Tenaz crítico do dogma da *infallibilidade papal*¹, proveniente do Concílio de 1870, Brentano afastou-se definitivamente do sacerdócio, passando a se dedicar com mais intensidade à filosofia e à psicologia, publicando seu primeiro volume de sua obra em 1874, tratando da psicologia do ponto de vista empírico². No segundo volume, em 1911, apresentou seu trabalho intitulado *A classificação dos fenômenos mentais*³, onde aprimorava a identificação das três modalidades de fenômenos mentais: Representações, juízos e sentimentos de amor e ódio. O terceiro volume de sua monumental obra só viria à lume depois de sua morte, intitulado *Consciência Sensorial e Noética (Sensory and Noetic Consciousness)*, onde o filósofo trata de problemas de mente e corpo de forma mais intensa.

É importante salientar que a produção desses volumes não obedeceu a uma sequência lógico-temporal, tendo o autor se dedicado à produção e ao desenvolvimento de outras agendas atinentes à psicologia e à filosofia. Assim, no período que antecedeu à publicação do segundo volume de *psicologia do ponto de vista empírico*, nosso autor publicou pequenos textos, como *O Gênio*, *O Mal como Objeto de Representação Poética* e *A Origem do Conhecimento do Certo e do Errado*⁴, onde o autor disserta sobre ética.

¹ Doutrina que preconizava que estava correto tudo o que era dito e feito pelo ocupante da cadeira de São Pedro.

² Obra onde nosso autor trata dos principais temas que guiariam toda a sua filosofia, mormente por reformular, a partir da escola clássica aristotélica e dos escolásticos, com destaque especial para Tomás de Aquino, o conceito de intencionalidade, depois de dar uma nova classificação para os fenômenos mentais.

³ De tão emblemático o tema tratado primeiramente na *Psicologia do ponto de vista empírico*, a classificação formulada por Brentano mereceu por parte de si uma obra separada, cujo título em inglês é: *The Classification of Mental Phenomena*.

⁴ Primeira obra do autor a ser traduzida para o inglês, em 1902.



Em meio à sua produção intelectual e ao magistério, já como professor titular da Universidade de Viena, cargo que conquistou depois da publicação do primeiro volume de sua obra, Brentano teve que se mudar, temporariamente, para a Saxônia, com o objetivo de conseguir se casar com sua noiva Ida von Lieben, pois sua condição de ex-sacerdote não lhe permitia se casar, ao menos nos termos das leis vigentes no então Império Austro-Húngaro. O preço a pagar foi ter sido obrigado a renunciar à cidadania austríaca, mesmo que temporariamente, e na mesma esteira ao cargo de professor na Universidade de Viena, cargo que jamais voltaria a recuperar, mesmo não tendo se ausentado por mais de alguns meses para conseguir se casar.

A nova realidade imposta ao nosso autor incluía limitações que o tocariam até o fim de seus dias, entre elas a proibição de dirigir teses e a perceber salário do Estado, pois sua condição agora era a de docente privado ou particular (*Privatdozent*). Com tantos dissabores durante anos, e após a morte precoce de sua esposa, Brentano abandonou a Áustria⁵, ocasião em que publicando autonomamente um livro denominado *Meus Últimos Desejos para a Áustria*⁶, onde, a partir de sua experiência, criticava a situação jurídica dos ex-sacerdotes em seu país.

Defensor de liberdade de pensamento crítico e científico e desprovido de preconceito para seus alunos, e em que pese ser uma pessoa muito carismática, Brentano foi vítima de sua própria postura, que bem se pode apontar como um misto de orgulho e vaidade, pois quando seu pensamento se tornava o objeto de crítica e ajustes por parte de seus alunos, nosso autor não reagia muito bem⁷ e se recusava até mesmo a discutir as novas ideias surgidas a partir das

⁵ Em 1896 ele se estabeleceu em Florença, na Itália, onde se casou com Emilie Ruprecht em 1897.

⁶ *Meine letzten Wünsche für Österreich*. Nesta mesma obra Brentano expôs seu posicionamento filosófico, bem como sobre a psicologia.

⁷ Exemplo disso é a afirmação de Brentano de que em todo fenômeno psíquico há algo dado como objeto imanente, que foi alvo de muitas críticas por parte de alguns de seus discípulos. Vide *infra*.

suas, comportamento que o isolava na comunidade científica⁸, e some-se a isso, o seu crescente problema de cegueira. Não obstante, a obra de Brentano influenciou muitos de seus alunos, que inclusive tornaram-se grandes nomes em suas respectivas áreas, como Husserl⁹, Meinong¹⁰, Ehrenfels¹¹, Marty¹², Stumpf¹³, Twardowski¹⁴ além de outros, como Freud¹⁵. Impossibilitado de ler e escrever em razão da cegueira que lhe castigava, Brentano passou a contar com a ajuda de sua esposa, que lia e escrevia textos que eram ditados pelo autor. De seu período em Florença, surgiram diversos de seus livros, como *Investigações sobre a psicologia dos sentidos*, de 1907, onde tornou público vários textos sobre psicologia e o segundo volume de sua *Psicologia de um ponto de vista empírico*, de 1911. Neste mesmo ano publicou mais dois livros sobre Aristóteles: *Aristóteles e sua Visão de mundo*¹⁶ e *Aristóteles, Doutrina da Origem do Espírito Humano*¹⁷. Ao ver o que considerava seus três países em

⁸ O fato de Brentano ter sido ignorado na filosofia e psicologia, ou, na pior das hipóteses não ter tido o reconhecimento merecido se deve em boa parte pela ausência de citação por parte de quem usufruía de sua doutrina para formular as próprias.

⁹ Edmund Husserl (1869 – 1938), matemático e filósofo alemão, que ao romper com o positivismo que orientava a filosofia de sua época, arquitetou a escola da fenomenologia. A exemplo de Freund, é um dos mais ilustres influenciados de Brentano.

¹⁰ Alexius Meinong (1853 – 1920), filósofo austríaco, autor da teoria dos objetos não existentes, “defende a tese de que o ato de pensar possui um objeto determinado, seja ele existente ou não existente. Propõe a distinção entre este objeto e seu conteúdo. Quando pensamos em algo existente, temos o objeto e o seu conteúdo. No caso de pensarmos em algo não existente, teríamos apenas o objeto determinado, mas não o seu conteúdo. De todo modo, teríamos sempre a referência a um objeto determinado no ato de pensar, seja ele existente ou não existente”. CERQUEIRA (2018).

¹¹ Christian von Ehrenfels (1856 – 1932), filósofo austríaco que contribuiu para psicologia da Gestalt, que estuda as sensações (dado psicológico) de espaço-forma e tempo-forma (o dado físico).

¹² Anton Marty (1847 – 1914), foi um filósofo austríaco e sacerdote católico nascido na Suíça.

¹³ Carl Stumpf (1848 – 1936), foi um filósofo e psicólogo alemão.

¹⁴ Kasimir Twardowski (1866 – 1938), foi um filósofo e analítico polonês.

¹⁵ Sigmund Freud (1856 – 1939), foi um médico neurologista austríaco e psiquiatra criador da psicanálise.

¹⁶ Ele fornece um esboço e uma interpretação da filosofia de Aristóteles

¹⁷ Em *Aristoteles, Lehre vom Ursprung des menschlichen Geistes*, Brentano continua um debate com Zeller. Esse debate já havia começado na década de 1860, quando Brentano criticou a interpretação de Zeller de Aristóteles em sua *Psicologia de Aristóteles* e tornou-se bastante intenso e agressivo nas décadas de setenta e oitenta do século XIX.

Guerra¹⁸, nosso filósofo se mudou para Suíça, onde faleceu antes do fim da Primeira Grande Guerra, em Zurique, no dia 17 de março de 1917.

2. Sobre o legado de Brentano

Encerrado o período de publicações em vida, a comunidade científica passou a conhecer as obras póstumas do grande filósofo, e não foram poucas, e destaque especial merece o terceiro volume denominado *Consciência Sensorial e Noética*. Textos sobre poesia e algumas cartas tratando sobre problemas filosóficos foram encontrados no seu último domicílio em Zurique e em sua casa de verão em Schönbühel bei Melk. Na Tscheklosvaquia, sob a presidência de seu ex-aluno Tomas Masaryk, que a exerceu de 1918 a 1935, criou-se em Praga um arquivo de Brentano, quando vários de seus escritos ainda não publicados foram colacionados por Alfred Kastil e Oskar Kraus, que eram alunos de Marty, em Praga, que como dissemos, era ex-aluno de Brentano, e que assumiram a responsabilidade de trabalhar no Nachlass¹⁹ brentaniano. O objetivo do Naschlass era colacionar e publicar os trabalhos de Brentano. Em que pese o trabalho intenso e a boa vontade de muitos intelectuais ex-alunos e alunos de ex-alunos, a verdade é que ainda não se tem uma obra que se poderia denominar de acabada, de Brentano, o que ainda estar por vir, e certamente virá.

A importância de Brentano para a comunidade acadêmica de seu tempo pode ser facilmente verificada pelo movimento que se tornaria conhecido como *brentanismo*, consistente na aplicação acadêmica do pensamento filosófico de Brentano, levado à efeito principalmente por seus ex-alunos, que o espalharam por todo o Império Austro-Húngaro e região da Europa Central. Não obstante o trabalho do mais destacado de seus alunos, Edmund Husserl, destacam-se nesse início do Brentanismo Marty e Ehrenfels em Praga, Twardowski em Lvov

¹⁸ Trata-se da Primeira Guerra Mundial, onde a Itália declarou guerra contra a Alemanha e o Império Austro-Húngaro.

¹⁹ (coletânea de obras após a morte)

e Meinong em Graz.

3. Da psicologia do ponto de vista empírico - Aproximação

a. Considerações preliminares: A filosofia na época de Brentano

Não é prudente que comecemos a falar sobre a principal obra de Brentano²⁰ sem buscar entender o contexto histórico em que ela foi escrita, nomeadamente o contexto histórico-filo-científico. Assim, é preciso não perder de vista que a ciência na época de nosso autor era construída eminentemente sobre bases naturais do pensamento humano (ciências naturais), considerando ainda que a metafísica, antes pujante base filosófica, estava em declínio como método científico. O idealismo alemão, por exemplo, já não conseguia satisfazer às “curiosidades” dos ávidos jovens filósofos da época de Brentano²¹. Desta forma, “a psicologia era definida como a ciência da alma, e as ciências naturais, como a ciência dos corpos”²². De fato, Brentano é a representação de um segmento na comunidade científica que acreditava ser sua época o início de bons ventos no campo do desenvolvimento intelectual para a humanidade. dizia ele àquela altura ter “...bons motivos para acreditar que nossa época é o início de um novo período de desenvolvimento”²³. O contexto desta frase é por ocasião de nosso autor considerar seu pensamento como contraponto, principalmente ao idealismo alemão, representado em Hegel. Forte em suas convicções, Brentano vai dizer que: “O sistema de Hegel e suas pretensões foram expostos. Um sistema que apenas algumas décadas atrás ainda era geralmente elogiado como a maior conquista da investigação humana, é hoje

²⁰ Sobre a PES – Psicologia do ponto de vista empírico, PORTA vai dizer que ela “marca uma evolução qualitativa no pensamento de Brentano, que do comentário de Aristóteles agora passa para o trabalho sistemático. O conceito de intencionalidade é formulado “explicitamente” pela primeira vez neste trabalho”. Cfr. em PORTA (2002, 101).

²¹ Segundo Sánchez-Migallón, Sergio. Franz Brentano. Universidad de Navarra. Disponível em <https://bit.ly/2Ssum3j>. Consulta realizada em 03 de maio de 2021, às 20:02hs, “Brentano tenta combater, por um lado, a arbitrariedade dos idealistas e neokantianos (ambos carregados, segundo ele, de preconceitos que não são evidentes nem comprovados), propondo apenas a experiência como critério de verdade”.

²² PIRES (2019, 38).

²³ MEZEI and SMITH, (1994, 19).

geralmente condenado como a degeneração mais extrema do pensamento humano. Isso é um bom sinal”²⁴. Ainda nessa esteira, como bem pontua Boccaccini, “contra o idealismo absoluto de Hegel, distinguindo entre sentidos próprios e impróprios (*eigentlich und uneigentlich*) do termo "ser", em sua dissertação Brentano estabelece uma distinção fundamental entre lógica e metafísica, ou seja, entre o mundo dentro e o mundo fora da mente”²⁵.

b. A psicologia como uma ciência da mente

A preocupação inicial de Brentano é tratar a psicologia como uma ciência que cuida dos fenômenos mentais, e para tanto, se preocupa inicialmente em definir a psicologia como uma ciência da alma, buscando em Aristóteles o fundamento para suas primeiras considerações, afirmando que “assim como as ciências naturais estudam as propriedades e leis dos corpos físicos que são objetos de nossa percepção externa, a psicologia é a ciência que estuda as propriedades e leis da alma que descobrimos diretamente dentro de nós por meio da percepção interna”²⁶. Para Brentano, nesses dois casos, tem-se uma “analogia que nos permite igualmente inferir nos demais”²⁷.

Como um cientista apaixonado pelo que acreditava, e considerando seu objeto de trabalho (crença) a *psicologia como ciência*, Brentano destaca o valor dessa “nova ciência” pontuando com muito vigor as características da psicologia (ciências dos fenômenos mentais), fazendo, de fato, um contraponto às ciências naturais. Destacando que a psicologia tem seu próprio valor, Brentano sustenta que a psicologia seria, por assim dizer, eclipsada pela ciência

²⁴ MEZEI and SMITH, (1994, 19).

²⁵ Ainda, para este autor, “Restaurando a objetividade na investigação filosófica, com um fundacionalismo robusto, Brentano toma seu lugar entre os grandes filósofos do período moderno tardio, antecipando e criando as condições para o ressurgimento do realismo na filosofia analítica e na fenomenologia iniciais. Contribuindo de forma substancial para dois temas principais da filosofia moderna tardia, ou seja, a revolta contra o idealismo e a ascensão de uma filosofia científica, o impacto de Brentano na filosofia da mente é comparável ao de Bolzano e Frege na lógica”. Cfr. BOCCACCINI (2019, 6).

²⁶ BRENTANO, Franz. *Psychology from an Empirical Standpoint*. London and New York: Routledge, 1995, p. 4.

²⁷ BRENTANO, (1995), p. 4.

naturais se o que fosse comparada entre ambas fosse o valor relativo do campo científico, isto é, se se considerasse exclusivamente os interesses que despertam os dois tipos de investigação. De outro lado, segundo Brentano, seria muito diferente se se comparassem as metas de cada uma dessas ciências (natural e psicologia). A vantagem natural que adquiriria a ciência dos fenômenos mentais é justificada por nosso autor no fato de que, segundo ele, “os fenômenos da luz, o som, o calor, a situação espacial e o movimento que estuda não são coisas que existam verdadeiramente, mas sim, sinais de algo real que, por intermédio de sua atividade causal, produz sua representação”²⁸.

Por sua vez, segundo nosso autor, “o caso dos fenômenos da percepção interna é diferente”. Segundo ele, tais fenômenos “são verdadeiros em si mesmos”, pois em realidade eles são como aparecem e, portanto, tem-se, nesse contexto, a garantia das evidências com que são percebidos. Com base nisso, Brentano questiona o seguinte: “quem poderia negar, então, que isso constitui uma grande vantagem da psicologia sobre as ciências naturais?”²⁹. Ainda na esteira de valorizar a psicologia como ciência e, por conseguinte a tarefa do próprio psicólogo, Brentano vai sustentar que:

“À cor e ao som, a extensão e o movimento se opõem à sensação e à imaginação, ao juízo e à vontade, com toda a grandeza que o grande pensador e a dedicação do homem virtuoso lhes conferem. Desta forma, revelamos de uma nova maneira como a tarefa do

²⁸ BRENTANO, (1995, 14). Ainda Segundo Brentano, “Podemos dizer que existe algo que, sob certas condições, causa esta ou aquela sensação”, portanto, e em razão disso, “a verdade dos fenômenos físicos é, como dizem, apenas uma verdade relativa”, o que, a nosso juízo, é uma mentira, pois não há falar em verdade senão se tem um conjunto (objeto) íntegro em sua plenitude.

²⁹ BRENTANO, (1995, 15). Para Brentano, “a dignidade de uma ciência não aumenta somente segundo a maneira como é conhecida, mas também com a dignidade de seu objeto”. Ainda segundo Brentano, numa clara demonstração de paixão pela psicologia, “os fenômenos cujas leis a psicologia investiga não se distinguem dos fenômenos físicos por que sejam verdadeiros e reais em si mesmos, mas também porque são incomparavelmente mais bonitos e sublimes”. Idem.

psicólogo é mais valiosa do que a do físico³⁰.

Feitas essas breves considerações de natureza apenas aproximativa sobre o pensamento de Brentano, sobre a psicologia enquanto ciência da mente, o que, na realidade, é uma *ode* à própria psicologia, passo a fazer a mesma coisa (aproximação) sobre os principais pontos de distinção apontados por nosso autor entre os fenômenos mentais e físicos, assunto que Brentano trata no livro II de sua obra, ora sob análise, todavia, como se tem observado pelas posições de nosso autor anotadas acima, ele está sempre buscando contrapor esses fenômenos (físicos e mentais) como meio para trazer à tona seu pensamento e, assim, determinar suas teses. Vejamos.

c. Sobre os fenômenos físicos e mentais – distinção e alguns comentários

Tratando da distinção entre os fenômenos físicos e mentais, Brentano inicia seu texto afirmando de forma categórica que “o mundo inteiro de nossos fenômenos se divide em duas grandes classes: a classe dos fenômenos físicos e a dos fenômenos mentais”. Não obstante ter discorrido algumas linhas sobre a distinção desses dois fenômenos, quando de sua explanação sobre a psicologia como ciência e quando tratou sobre o método, Brentano justifica um apartado inteiro sobre o tema, dizendo que o que foi dito não foi o suficiente. Segundo nosso autor, no apartado específico, se definirá com mais precisão e exatidão o que teria ficado apenas superficialmente indicado³¹.

Além do desejo de excluir todo equívoco e confusão que circunda a definição de um e outro fenômeno, o que já seria motivo suficiente para se debruçar sobre um apartado exclusivo para tal distinção, Brentano também é motivado pela convicção de que não alcançou unanimidade plena em sua delimitação de ambos os fenômenos, pois segundo ele, alguns fenômenos que

³⁰ BRENTANO, (1995, 15).

³¹ BRENTANO, (1995, 59).

são físicos e que aparecem numa fantasia são tomados por fenômenos mentais³². Nesse contexto, se contrapondo a A. Bain, para quem a ciência psíquica, chamada por ele de ciência subjetiva (Subject Science) estaria fundada sobre a autoconsciência ou atenção introspectiva, e ainda de que os olhos, os ouvidos e o órgão tátil seriam meios para a observação do mundo físico, Brentano aduz que esse autor faz uso de exemplos para a consciência subjetiva a partir das sensações provenientes da visão, do ouvido e do tato, que, todavia, fora utilizado por ele mesmo (A. Bain), como fenômenos intermediários da consciência objetiva, em oposição à consciência subjetiva³³.

Um exemplo de confusão citado por nosso autor é o de se pretender explicar o vermelho como uma classe especial de cor. Segundo ele, o melhor seria explicar o nome cor dizendo que designa o gênero do vermelho, azul, verde e vermelho³⁴. A ideia de Brentano é aclarar os respectivos conceitos a partir de exemplos. E é exatamente nesse ponto da obra que nosso autor traz pela primeira vez, o que consideramos talvez, uma das manifestações mais contundentes do seu pensamento, ao afirmar que *representação é o ato de representar e não o que é representado*. Como exemplo, Brentano cita a audição de um som, a visão de um objeto colorido, a sensação de calor e frio etc.³⁵ Este autor ainda inclui neste rol o pensamento de um conceito geral, pois segundo ele, todo juízo, toda lembrança, toda expectativa, toda conclusão ou opinião, assim como toda dúvida, são fenômenos mentais, assim como também o são, todo movimento de ânimo, alegria tristeza, medo esperança, valor, covardia, cólera, amor, ódio, desejo, volição, intento, assombro, admiração, desprezo etc.³⁶ Por sua vez, como exemplos de fenômenos físicos, Brentano cita uma cor, uma figura, uma paisagem que se vê, um acorde que se ouve, o calor, o frio, o odor que se sente, bem como as coisas semelhantes que

³² BRENTANO, (1995, 59).

³³ BRENTANO, (1995, 59).

³⁴ BRENTANO, (1995, 60).

³⁵ BRENTANO, (1995, 60).

³⁶ BRENTANO, (1995, 60).

aparecem como imaginação³⁷.

Considerando os fenômenos mentais tanto as representações como todos os fenômenos cujo fundamento está formado por representações, e considerando também sua já destacada observação de que por representação entende o ato de representar, e não o objeto representado, Brentano sustenta que nada pode ser julgado, desejado, esperado ou temido, se não for representado³⁸. Noutro sentido, ao tratar da definição dos fenômenos mentais pela sua carência de extensão, Brentano caracteriza os fenômenos físicos, como os que aparecem, isto é, os que são representados, porém, sendo possuidores de extensão e espaço físico, ou seja, ocupa um espaço físico no mundo real. Para nosso autor:

“As pessoas tentaram formular uma definição completamente unificada que distingue todos os fenômenos mentais dos fenômenos físicos por meio da negação. Todos os fenômenos físicos, diz-se, têm extensão e localização espacial, sejam eles fenômenos da visão ou de algum outro sentido, ou produtos da imaginação, que nos apresenta objetos semelhantes. O oposto, entretanto, é verdadeiro para os fenômenos mentais; pensar, querer e semelhantes aparecem sem extensão e sem localização espacial”.³⁹

A ideia de Brentano é a de que, a partir dessa visão, seria facilmente possível caracterizar os fenômenos físicos frente aos mentais, afirmando que eles são os que possuem local determinado no espaço, isto é, ocupam um espaço, enquanto os mentais (mentais) seriam os

³⁷ BRENTANO, (1995, 61).

³⁸ BRENTANO, (1995, 61). Nesse contexto é que este autor afirma que as representações são o fundamento dos demais fenômenos psíquicos. Amparando-se em Herbart, vai concordar que “cada vez que temos um sentimento, haverá algo representado na consciência, mesmo que seja algo muito diversificado, confuso e variado, de modo que esta representação particular está incluída neste sentimento particular. Da mesma forma, sempre que desejamos algo ... temos em mente o que desejamos”. Cfr. em HERBART (1968).

³⁹ BRENTANO, (1995, 65).

fenômenos que não têm extensão ou localização espacial, mas apenas na imaginação human⁴⁰.

Neste ponto cabe ressaltar um dos mais importantes pontos de distinção anotado por Brentano, que é o fenômeno da *inexistência intencional*. De fato, essa parece ter sido a intenção de Brentano, no entanto, ao tecer seus argumentos terminou por trazer um conceito para o fenômeno da *intencionalidade* que o faria muito conhecido em sua época e depois dela. Todavia, em que pese ser um importante critério de distinção, como pretendeu dizer Brentano, trata-se de uma das passagens mais impactantes de sua obra, senão a mais impactante. A passagem que sustenta que o objeto intencional para o qual somos dirigidos é parte do próprio ato psicológico. Assim, em razão da complexidade desta passagem, que além de servir como critério de distinção entre os fenômenos mentais e os físicos, reservo um apartado exclusivo ao final deste artigo, onde tratarei da percepção de *intencionalidade* em Brentano.

Ao fim e ao cabo, por tudo que se anotou até o presente, é possível resumir o pensamento de Brentano quanto à *distinção entre fenômenos mentais e fenômenos físicos* com as seguintes conclusões levadas à efeito pelo autor:

- a. Os fenômenos mentais são apenas representações ou possuem representações por fundamento, ou seja, são fenômenos que habitam a mente. Por sua vez, os fenômenos físicos habitam a natureza, possuindo e ocupando seu próprio espaço físico;
- b. Os fenômenos mentais só podem ser percebidos a partir da consciência interior. Os fenômenos físicos, por sua vez, só podem ser verificados a partir de uma percepção do exterior;
- c. Os fenômenos mentais só podem existir fenomenicamente, enquanto os fenômenos

⁴⁰ Cfr. em Cfr. BRENTANO, (1995, 138).

físicos podem existir também na realidade;

- d. Os fenômenos mentais existem um por vez, enquanto os fenômenos físicos existem muitos ao mesmo tempo;

4. Classificação dos fenômenos mentais - Sobre a natureza da mente e as atividades psíquicas.

A. Considerações preliminares sobre *The Classification of Mental Phenomena*.

A classificação dos fenômenos mentais, a exemplo da distinção entre eles e os fenômenos físicos, são assuntos que Brentano trata no livro II, destinado aos *fenômenos mentais em geral*, de sua obra *A psicologia do ponto de vista empírico*. O assunto (classificação dos fenômenos mentais) se mostrou instigante até mesmo para nosso autor, que no prólogo da edição de 1911 de sua obra, destacou especificamente a classificação que ora nos debruçaremos, aduzindo que:

“Neste trabalho, ofereci soluções inteiramente novas para certas questões elementares e me esforcei para justificar detalhadamente todas as minhas inovações. Em particular, minhas investigações a respeito da classificação dos fenômenos mentais têm atraído cada vez mais a atenção geral dos cientistas. O fato de que recentemente me pediram para autorizar a tradução italiana dos capítulos que tratam dessas investigações atesta o interesse cada vez maior pelo assunto”. (grifei)

O tema, de tão importante para a psicologia enquanto ciência redesenhada por Brentano, fato reconhecido pelo próprio autor, mereceu por parte dele uma publicação exclusiva, onde buscou explorar com mais profundidade suas ideias, porém, buscando manter as



características originais desenhadas em Psicologia do ponto de vista empírico, e é sobre essas ideias primárias que me debruçarei neste apartado.

Antes de expor sua classificação, Brentano traz à baila a divisão platônica dos fenômenos mentais, que na verdade referia-se a fenômenos da alma, que era dividida em: *concupiscente ou sensual*, relacionada com as necessidades físicas, corporais; *irascível*, relacionada aos impulsos e afetos; e *racional*, que possibilitava o conhecimento das ideias e sua volição num sentido deliberativo, isto é, de acordo com a razão. Todavia, coube a Aristóteles aprofundar-se sobre essa tríade classificatória, todavia, como assevera Brentano, sendo duas delas podendo ser considerada apenas uma. Desta forma, de acordo com Brentano, Aristóteles classificava os fenômenos mentais numa parte mortal e outra parte imortal da alma⁴¹. Dividindo-os em maior ou menor extensão, o filósofo grego identificava *fenômenos comuns* aos animais e *peculiares* ao homem. Porém, como alerta Brentano, para Aristóteles essa divisão era na verdade tripartida, pois ele considerava até as plantas como fenômenos, destacando, assim, existir uma parte vegetativa da alma (relacionada aos fenômenos da nutrição, do crescimento e da reprodução), que seria comum a todos os seres vivos, além de uma sensitiva (que diz respeito aos sentidos e à imaginação, além de outros fenômenos afins e as emoções, considerada por Aristóteles, segundo Brentano, específica dos animais) e outra intelectual (que compreenderia o pensamento superior e à vontade, sendo, portanto, exclusivamente atinente ao homem entre os seres vivos terrestres)⁴².

Sobre essa divisão Aristotélica, Brentano pontua que ela permaneceu em vigor em toda a Idade Média e na Idade Moderna, tendo exercido forte influência nos trabalhos de Wolff,

⁴¹ Cfr. em Cfr. BRENTANO, (1995, 138).

⁴² Cfr. BRENTANO, (1995, 138). Esta divisão de Aristóteles, segundo Brentano, constata que o filósofo grego, no sentido moderno da expressão, teria dividido as atividades mentais em apenas dois grupos: a) comuns aos animais e as peculiares ao homem. Cfr. idem.

Hume, Reid e Brown, por exemplo⁴³. Segundo Brentano, quando Wolff divide as faculdades da alma em *superiores* e *inferiores*, em *cognitivos* e *apetitivos*, e cruza essas duas divisões, reconhece-se facilmente um esquema que corresponde essencialmente à dupla divisão aristotélica⁴⁴. A mesma coisa se observa em Hume que, segundo Brentano, as utilizou como base de sua classificação, e que teria influenciado outros pensadores ingleses durante muito tempo. Nessa esteira, é de se destacar a severa crítica que Brentano faz à classificação de Reid (que as dividiu em *intelectivas* e *ativas*) e Brown (que dividiu as afeições internas em *estados intelectuais do espírito e emoções*), para quem, segundo Brentano, não fizeram mais que introduzir modificações insignificantes e infelizes⁴⁵.

Não obstante a ausência de inovação assim considerada por Brentano nos trabalhos desses autores, nosso filósofo destaca de forma muito especial a classificação trazida por dois outros autores: Tetens⁴⁶ e Mendelssohn⁴⁷. Segundo Brentano, a classificação trazida por esses estudiosos foi a mais significativa em suas divergências e mais duradoura em sua influência, e até à sua época (segunda metade do século XIX) ainda era considerada um avanço na classificação dos fenômenos mentais, apesar de ter sido criada na segunda metade do século anterior⁴⁸. Em boa medida, o que fizeram Tetens e Mendelssohn foi dividir as atividades mentais em três classes coordenadas, assumindo para cada uma delas uma faculdade mental especial. Desta maneira, enquanto Tetens as classificou como *faculdades fundamentais de sentimento, compreensão e poder de agir* (vontade), seu colega Mendelssohn as classificou em *faculdade de cognição, faculdade de sentir ou aprovar* (pela qual sentimos prazer ou dor em algo), e *faculdade do desejo*⁴⁹. Segundo Brentano, dos contemporâneos de Tetens e

⁴³ Cfr. BRENTANO, (1995, 138).

⁴⁴ Cfr. em BRENTANO, (1995, 139).

⁴⁵ Cfr. em mais detalhes em BRENTANO, (1995, 139).

⁴⁶ Johannes Nikolaus Tetens (1736 - 1807) foi um filósofo, estatístico e cientista alemão-dinamarquês.

⁴⁷ Moses Mendelssohn, (1729 - 1786), foi um filósofo, iluminista alemão.

⁴⁸ Cfr. em BRENTANO, (1995, 141).

⁴⁹ Cfr. em BRENTANO, (1995, 141).



Mendelssohn, Kant foi quem melhor se utilizou da classificação desses autores, utilizando-as como base para a sua filosofia crítica, porém adaptando-a a seus interesses. Assim, classificou as três faculdades da alma em *cognitiva*, o *sentimento de prazer e dor*, e a *faculdade de desejo*⁵⁰. Brentano atribui a essa utilização por Kant em suas obras, *o principal motivo para o fato de a classificação ter se tornado tão influente e difundida*, sendo até à sua época universalmente dominante, não obstante às críticas de muitos autores, com destaque especial para Sir William Hamilton⁵¹.

Importante destacar que também Herbert e sua escola, aceitaram a divisão dos fenômenos mentais em *representação*, *sentimento* e *vontade*, divisão esta proveniente de intensos debates e críticas à concepção utilizada por Kant em suas obras fundamentais. Como assevera Brentano, trata-se de uma concepção que até sua época era amplamente aceita. Nosso autor critica o fato de que a escola herbartiana não considerou as duas últimas classes (*sentimento* e *vontade*) como faculdades originais separadas; em vez disso, pretende derivá-los da primeira classe (*representações*), o que para Brentano, é uma tentativa obviamente fútil⁵². Outro autor, agora da escola inglesa, que também “criou” sua própria classificação, porém usando termos semelhantes, foi Alexander Bain⁵³, para quem as atividades mentais se classificam em *pensamento*, *intelecto ou cognição*; *sentimento*; e em *volição* ou *vontade*. Segundo Brentano, não obstante o próprio Bain confirmar a notória semelhança com a classificação de Hamilton

⁵⁰ Cfr. em BRENTANO, (1995, 141). O que fez Kant, segundo Brentano foi utilizar a classificação de Tetens e Mendelssohn no desenvolvimento de suas concepções, fazendo-o da seguinte maneira: Em sua Crítica da razão pura trata da faculdade cognitiva na medida em que contém os princípios do próprio conhecimento; a Crítica do Julgamento com a faculdade cognitiva na medida em que contém os princípios do sentimento; e a Crítica da Razão Prática com a faculdade cognitiva na medida em que contém os princípios do desejo. Idem, onde se obtém tais informações com mais riqueza de detalhes.

⁵¹ Cfr. em BRENTANO, (1995, 141-142). Brentano aqui faz a referência à obra de S. William Hamilton, metafísico escocês, 1788-1856. HAMILTON, Sir William. *Lectures on Metaphysics and Logic*. HardPress Publishing, Vol. I, p. 423.

⁵² Cfr. em BRENTANO, (1995, 147).

⁵³ Alexander Bain (1818 - 1903) foi um filósofo e educador escocês da escola britânica de empirismo e uma figura proeminente e inovadora nos campos da psicologia, linguística, lógica, filosofia moral e reforma educacional.

e Herbart, há uma profunda diferença entre ambas. Para Brentano:

“[...] se examinarmos a explicação que Bain dá das três partes de sua classificação, notamos que seu uso das mesmas expressões esconde uma considerável diferença de ideias. Por “volição” ou “vontade” Bain entende algo totalmente diferente do que os psicólogos alemães, e Hamilton, geralmente designam por este termo. Ele o usa para significar “o efeito produzido pelos fenômenos mentais”. Portanto, no início de seu volumoso trabalho sobre os sentidos e o intelecto, ele declara que a volição ou a vontade abrange toda a nossa atividade na medida em que é controlada por nossos sentimentos”⁵⁴.

1. Da palavra *Vorstellungen* e sua tradução para o inglês, francês, italiano, português e espanhol.

Antes de passar à concepção classificatória dos fenômenos mentais, levadas à efeito por Brentano, uma questão de fundo carece de ser enfrentada para que se faça um breve esclarecimento atinente à tradução da obra de Brentano para o inglês. Na tradução que ora utilizamos, *Psychology from an Empirical Standpoint*, de 1955, a palavra *presentation* é constantemente utilizada para significar **representação**, quando na verdade significa **apresentação**. O erro fica evidente quando se consulta a obra original de Brentano, onde este autor utiliza o termo *Vorstellungen*, que significa, acertadamente ideias, representações que ocorrem em nossa mente. O próprio termo traduzido corretamente para o inglês atrai, num primeiro momento, as palavras *imagination*, *idea* e *perception*, que são as mais utilizadas para a tradução de *Vorstellungen*, e somente em quarto lugar o termo *presentation*. Tal equívoco na tradução de termo tão importante, visto tratar-se do primeiro elemento na classificação de Brentano para os fenômenos mentais, pode trazer enorme prejuízo para a compreensão de sua

⁵⁴ Cfr. em BRENTANO, (1995, 148).

tese, pois, ao se traduzir do inglês para o português, a palavra *presentation* atrai a palavra apresentação, o que neste idioma possui significado distinto, e está mais para um ato de expor ou exibir⁵⁵.

Ainda nesta esteira, importa pontuar que a palavra inglesa *presentation* refere-se, também nos países de língua inglesa, ao *ato de apresentar ou estado de ser apresentado*, como o presente trabalho que está sendo apresentado por meio da escrita. Por outro prisma, tivesse o tradutor utilizado o termo *representation*, não obstante no idioma inglês significar o *ato ou uma instância de representação ou o estado de ser representado*, também significa, num primeiro momento, *tudo o que é representado, como uma imagem trazida claramente à mente*. Desta sorte, não resta dúvida de que o emprego mais coerente com o significado que pretendeu dar nosso autor, melhor se agasalha à palavra *representation* na língua inglesa, que possui correspondência direta e sensata com a palavra *Vorstellungen*.

O mesmo não acontece na tradução para o francês, para o italiano e tampouco para o espanhol, onde *Vorstellungen* é lido respectivamente e de forma correta como *représentation*, *rappresentazione*, e *representación*, que para o português se lê, acertadamente, apresentação, que significa, dentre outras coisas, uma ideia que concebemos do mundo ou de alguma coisa, definição que sem sombra de dúvida se aproxima do que pretendeu e parece ter concebido Brentano, que era classificar os fenômenos mentais em ideias (representações), julgamentos (juízos) e fenômenos de amor e ódio⁵⁶.

⁵⁵ Segundo os dicionários on-line (<https://bit.ly/3e42O11>): Apresentação é ação de se apresentar, de aparecer diante de alguém. Texto escrito através do qual uma pessoa se apresenta e manifesta seu interesse pessoal para ocupar um cargo: carta de apresentação. Documento escrito que recomenda alguém para um cargo. Maneira com a qual alguém se apresenta; aparência. Ação em que um espetáculo é exibido ao público; exibição. Demonstração pública e publicitária de algo não conhecido. Ação de fazer com que algo se torne conhecido ou seja submetido ao julgamento de alguém: apresentação de uma dissertação. Parte introdutória de uma obra em que o autor e/ou o conteúdo são apresentados; prefácio.

⁵⁶ Cfr. em BRENTANO, (1995, 148).

O próprio Brentano, se contraponto a B. Mayer, que chegou a sustentar que fenômenos de sentimentos poderiam existir sem nenhuma representação, vai ser categórico ao afirmar que: “Se Meyer entendesse por representação da mesma forma que nós, seria impossível para ele falar assim”⁵⁷. Segundo Brentano, “se tudo isso (fenômenos) deve estar presente para a alma, para que uma representação se forme, no sentido de J. B. Mayer, é claro que essa representação não pode ser o fundamento de todos os outros fenômenos psíquicos” (parênteses nosso)⁵⁸. Nosso autor conclui sua crítica aduzindo que:

Mas esse "estar presente" de cada uma das coisas nomeadas é precisamente um "ser representado" em nosso sentido. E tal "ser-representado" é encontrado onde quer que algo apareça para a consciência; se é amado, odiado ou considerado indiferentemente; ou reconhecido, rejeitado ou - não sei me expressar melhor do que dizer - representado, em completa abstenção de julgamento. Como usamos a palavra "representar", pode-se dizer que "ser representado" vale tanto quanto "aparecer", "ser um fenômeno"⁵⁹.

Feitas essas considerações preliminares, passo à classificação dos fenômenos mentais na filosofia de Brentano.

2. Da classificação dos fenômenos mentais segundo Brentano

Para formular sua classificação dos fenômenos mentais, Brentano parte de uma certeza: a de que não existe unanimidade entre os psicólogos, tanto os que lhe antecederam, quanto os seus contemporâneos, a respeito da classificação dos fenômenos mentais. Desta forma, enquanto Aristóteles distinguia os fenômenos mentais em sentimento e desejo (*vontade/desejo*), os contemporâneos de Brentano já manejavam a ideia tripartite desses fenômenos, sendo elas:

⁵⁷ Cfr. em BRENTANO, (1995, 62).

⁵⁸ Cfr. em BRENTANO, (1995, 62).

⁵⁹ Cfr. em BRENTANO, (1995, 62).

representação, sentimento e vontade. Partindo daí, considerando não haver expressões mais adequadas (segundo afirma), nosso autor vai classificar os fenômenos mentais em *representação, juízo e sentimento de amor e ódio*. Como observa Brentano, suas denominações são suscetíveis de equívocos, pois, segundo ele, “todos os termos são usados com frequência em um sentido mais estrito. Mas nosso vocabulário não nos oferece outras expressões unitárias que correspondem melhor aos conceitos”⁶⁰. Ainda segundo Brentano: “embora seja triste ter que usar expressões de significância flutuante como termos em definições tão importantes, e ainda mais usá-las em um sentido talvez incomumente amplo, isso me parece, em nosso caso, melhor do que introduzir nomes inteiramente novos e desconhecidos”⁶¹.

Brentano também chama a atenção para a necessidade de se aderir a princípios para uma classificação fundamental dos fenômenos mentais, que segundo ele, “uma classificação científica deve ser tal que organize os objetos de maneira favorável à pesquisa. Para tanto, deve ser natural, isto é, deve unir em uma única classe objetos intimamente relacionados por natureza, e deve separar em diferentes classes objetos que são relativamente distantes por natureza”⁶². Nesse sentido, vejamos agora o que nosso autor delinea para em específico para cada uma de suas classes, e a primeira é a representação.

B. Representação

Por representação, no sentido filosófico, compreendemos como um ato ou efeito de representar, imaginar, ou seja, ter uma ideia a respeito do mundo ou de alguma coisa, e ainda perceber algo, no sentido de ter uma *percepção sobre algo*. Vale destacar que o objetivo de Brentano ao utilizar o termo *Vorstellung* é justamente o de pretender se referir aos fenômenos

⁶⁰ Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

⁶¹ Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

⁶² Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

que imaginamos, que são produtos de nossa imaginação, que vão desde uma simples ideia a uma construção metafórica qualquer. O próprio Brentano busca nos dar uma explicação plausível para sua opção. Segundo ele:

“Falamos de representação sempre que algo nos aparece. Quando vemos algo, uma cor é representada; quando ouvimos algo, um som; quando imaginamos algo, uma imagem de fantasia. Em vista da generalidade com que usamos este termo, pode-se dizer que é impossível para a atividade consciente referir-se de alguma forma a algo que não seja representado. Quando ouço e entendo uma palavra que nomeia algo, tenho uma representação do que essa palavra designa; e de modo geral, o propósito de tais palavras é evocar representações”⁶³.

BRITO é enfático ao dizer que sua “análise mostrou de modo mais específico, que Brentano descreveu a representação como “*a classe das partes dos pares de correlatos intencionais*”⁶⁴. Essa opinião tem sentido na medida em que Brentano, sustenta que “não há ato de pensar sem um objeto que é pensado, nem um desejo sem um objeto que é desejado”⁶⁵. Valendo-se de Aristóteles, Brentano vai concordar com o filósofo grego que em suas leituras sobre a metafísica (*Lecture on Metaphysics, I, 432*) vai sustentar que:

“Nos fenômenos dos Sentimentos - os fenômenos do Prazer e da Dor - ao contrário, a consciência não coloca a modificação ou estado mental antes de si mesma; não o contempla separadamente - como separado de si mesmo - mas é, por assim dizer, fundido em um. A peculiaridade do sentimento, portanto, é que não há nada além do

⁶³ Cfr. em BRENTANO, (1995, 153). Desafortunadamente, primando por uma compreensão mais coadunada com o que pretendeu dar Brentano, alteramos a palavra *presentation*, constante no texto inglês, para *representation*, e isso pelos motivos que elencamos acima, pois o termo utilizado no original é *Vorstellung*.

⁶⁴ BRITO (2012, 117).

⁶⁵ Cfr. em BRENTANO, (1995, 68).

que é subjetivamente subjetivo; não há nenhum objeto diferente de si mesmo - nenhuma objetificação de qualquer modo de si mesma”⁶⁶.

C. Juízos

Tratando dos juízos, o termo *Urteile* utilizado por Brentano, cumpre o objetivo de salientar os julgamentos diários que fazemos, quando somos “convocados” a emitir um juízo de valor sobre determinadas questões que nos são postas. Para Brentano, “por “julgamento” queremos dizer, de acordo com o uso filosófico comum, aceitação (como verdadeiro) ou rejeição (como falso)”⁶⁷. Ainda segundo Brentano, “tal aceitação ou rejeição também ocorre em casos em que muitas pessoas não usariam o termo “julgamento”, como, por exemplo, na percepção de atos mentais e na lembrança. Mas é claro que não hesitaremos em incluir esses casos também na classe de julgamento”⁶⁸.

Nesse contexto, ao apontar o *juízo* e a *representação* como duas classes distintas de fenômenos, Brentano afirma que se trata, na realidade, de duas *modalidades inteiramente distintas de consciência de um objeto*, isto é, “todo objeto que é julgado é recebido na mente de duas maneiras”⁶⁹: primeiro, como *representado*, depois como *afirmado* ou *negado*, ou seja, *julgado*. O fundamento para essa afirmação Brentano busca em Aristóteles e Kant, além de outros filósofos, aduzindo que se trata de uma situação análoga à trazida por esses autores, que admitem, em sua maioria, a mesma coisa em relação à *representação* e ao *desejo*. Em outras palavras: “Nada é desejado se não é representado”⁷⁰. Para nosso autor, a diferença entre

⁶⁶ Cfr. em BRENTANO, (1995, 68).

⁶⁷ Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

⁶⁸ Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

⁶⁹ Cfr. em BRENTANO, (1995, 156).

⁷⁰ Cfr. em BRENTANO, (1995, 156). Segundo Brentano: “o desejo é um segundo modo inteiramente novo e peculiar de referência ao objeto; um segundo tipo inteiramente novo de recepção do objeto na consciência. Nada é julgado que não seja representado; mas sustentamos que, assim que o objeto de uma representação se torna o objeto de um julgamento afirmativo ou negativo, a consciência entra em uma classe de referência inteiramente

representar e julgar era até então desconhecida universalmente, e em razão disso, suas teses devem provocar desconfiança, pois, embora ele nada diga, “o que o testemunho da percepção interna confirma imediatamente⁷¹”.

D. Sentimentos de amor e ódio

O sentimento de amor e ódio, a terceira classe de fenômenos mentais definida por Brentano, na visão do autor, é a que melhor estampa a ausência de uma expressão unitária para designar o que pretendia, pois o desejo era o de lançar mão de um termo linguístico que ao mesmo tempo se referisse a “emoções”, “fenômenos de interesse” ou “fenômenos de amor”. De acordo com nosso autor, esta classe inclui todos os fenômenos mentais que não estão incluídos nas duas primeiras classes. Mas o termo “emoção” geralmente é entendido como significando apenas afetos que estão conectados com agitação física perceptível”. Ainda segundo esse autor, “todo mundo chamaria raiva, ansiedade e emoções de desejo apaixonado; mas da maneira geral como usamos a palavra, ela também se aplica a todos os desejos, decisões e intenções⁷²”.

Vale destacar que o uso de dois termos (amor e ódio) para representar apenas uma classe dos fenômenos mentais, ou seja, a utilização de dois fenômenos mentais para representar apenas um, poderia, em tese, suscitar dúvidas. A par disso, o próprio Brentano trata de explicar, perfunctoriamente, num primeiro momento, fazendo um paralelo com a possível ambiguidade que poderia também ser verificada na segunda classe de fenômenos mentais: o *juízo*. Segundo ele, “assim como todo juízo toma um objeto como verdadeiro ou falso, de

nova. O objeto é recebido na consciência duplamente, conforme representado e afirmado ou negado; assim como, quando o apetite é dirigido a ele, é o objeto inerente representado, bem como desejado”. Idem.

⁷¹ Cfr. em BRENTANO, (1995, 156).

⁷² Cfr. em BRENTANO, (1995, 153). Este autor lembra que Kant, pelo menos, usou a palavra (mente) em um sentido ainda mais amplo do que o nosso, uma vez que ele caracteriza toda faculdade mental, mesmo a de conhecimento, como uma faculdade de emoção. Idem.



maneira análoga todo fenômeno que pertence a esta classe toma um objeto como *bom* ou *mau*”.

Sobre o Conceito de Intencionalidade em Brentano

1. A ideia de intencionalidade

Buscando estabelecer um fator diferenciador irrefutável entre os fenômenos mentais e os físicos, capaz de não deixar nenhuma dúvida quando se trata de um ou de outro, Brentano vai socorrer-se aos escolásticos da Idade Média⁷³, que já naquela época chamavam a atenção para uma afinidade análoga que existia entre todos os fenômenos mentais e que, todavia, não existiria nos fenômenos físicos. Trata-se da *inexistência intencional* de um objeto, onde por inexistência não se deve compreender que se trata de algo que não existe, mas que existe dentro (in), *i.e.* que existe dentro da mente. Tal objeto, segundo nosso autor, faria referência a um conteúdo ou a uma objetividade imanente. Em outras palavras, a referência estaria contida na natureza do próprio objeto⁷⁴. A conclusão de Brentano é a de que a *inexistência intencional* é uma característica exclusiva dos fenômenos mentais, pois, segundo ele, nenhum fenômeno físico exhibe tal característica. Em razão disso, conclui que os fenômenos mentais são os que contêm um objeto intencionalmente dentro de si⁷⁵.

⁷³ Segundo PORTA, “na compreensão de Brentano, não é possível fazer filosofia senão em diálogo com os clássicos, partindo de seu estudo e tendo como referência um professor”. Cfr. em PORTA, (2002, 98).

⁷⁴ BRENTANO, (1995, 68). Trazendo à baila uma previa do que viria a tratar num apartado exclusivo, Brentano alude que “na representação existe algo representado, no juízo, existe algo admitido ou rechaçado, no amor, amado, no ódio, odiado etc.”

⁷⁵ Cfr. BRENTANO, (1995, 68). Não obstante Brentano ter feito referência aos escolásticos, é importante pontuar que filósofos antes dos escolásticos, como o próprio Aristóteles, e depois dele o helenístico Filón de Alexandria (20 aC – 45dC), Tomás de Aquino (1225 – 1274), Santo Anselmo (1033 – 1109) etc. Santo Tomás de Aquino, por exemplo, ensina que o que é pensamento é intencionalmente aquele em que você pensa; o objeto do mestre, no amante; o que é desejado, em quem é desejado, e usa essas afirmações para fins teológicos. Explica a herança do Espírito Santo, da qual as Escrituras falam, como uma herança intencional por meio do amor. E tenta também encontrar uma certa analogia com o mistério da Trindade e da origem da Palavra e do Espírito *ad intra*, na existência intencional que existe no pensamento e no amor. Cfr. mais detalhes em BRENTANO (1935, 82, nota 16).

Em seu texto original, assim se manifestou o autor na primeira parte:

[“Jedes psychische Phänomen ist durch das charakterisiert, was die Scholastiker des Mittelalters die intentionale (auch wohl mentale) Inexistenz eines Gegenstandes genannt haben, und was wir, obwohl mit nicht ganz unzweideutigen Ausdrücken die Beziehung ausdrücken, die euffätung ausdrücken, die Beziehhalt (worunter hier nicht eine Realität zu verstehen ist), oder die imanente Gegenständlichkeit nennen würden. Jedes enthält etwas als Objekt in sich...” (Brentano, PES 124f)]⁷⁶

É necessário que pontuemos com bastante clareza e de forma individualizada, os principais tópicos exarados por Brentano no seu conceito de intencionalidade, pois trata-se de um trecho de sua obra e de todo o seu pensamento que foi emoldurado em torno de seu nome, tendo em vista tratar-se do ponto de partida, inclusive para diversos de seus alunos que viriam a tornar-se, como vimos, ilustres pensadores e profissionais em suas respectivas áreas. Aprofundando um pouco mais, é possível dizer que no pensamento de Brentano algo que seja verdadeiro e que ocorre na mente, não é necessariamente real. Não há, portanto, uma obrigatoriedade de que uma existência mental, ou seja, que ocorre na consciência, não apresenta necessidade de existência no mundo real, isto é, no exterior. Citando Gabriel Porta, MARTINS vai aduzir que, na consciência onde a verdade ocorre, e que não necessariamente é

⁷⁶ Em português, tem-se a seguinte tradução para o trecho completo da afirmação de Brentano: “Todo fenômeno mental é caracterizado pelo que os Escolásticos da Idade Média chamam de in-existência intencional (ou mental) de um objeto, e o que podemos chamar, embora não totalmente inequívocos, de referência a um conteúdo, a direção a um objeto (que não deve ser entendido aqui como significando uma realidade), ou objetividade imanente. Todo fenômeno mental inclui algo como objeto em si mesmo, embora nem todos o façam da mesma maneira. Na representação algo é representado, no juízo algo é afirmado ou negado, no amor amado, no ódio odiado, no desejo desejado e assim por diante. Essa in-existência intencional é característica exclusivamente dos fenômenos mentais. Nenhum fenômeno físico exhibe algo parecido. Podemos, portanto, definir os fenômenos mentais dizendo que eles são aqueles fenômenos que contêm um objeto intencionalmente em si mesmos.” (Brentano PES, 68)

real, não há somente atos, mas objetos aos quais os atos se referem⁷⁷. E para Brentano, estes objetos são verdadeiros, em que peses não serem reais, mas sim imanentes, visto que não possuem transcendência no mundo exterior à mente. Para Brentano, um ato, um juízo, tem realidade, mas tais objetos não, visto que são correlatos intencionais dos atos⁷⁸.

Comentando um texto de Hölderlin sobre as observações de Édipo, Jean Beaufret nos traz uma frase sobre aquele texto, que não causa exagero tomá-la emprestada para este texto de Brentano em que define seu conceito de intencionalidade. Beaufret vai dizer que “Seria difícil encontrar, desde que o mundo é mundo, um texto que diga tanto, em tão poucas palavras e com uma densidade tão compacta”⁷⁹. Desta forma, não é exagero dizer que o pequeno grande trecho em que Brentano faz tais afirmações, é também, em boa medida, um texto que diz muito e em poucas palavras sobre a filosofia e a psicologia contemporâneas.

Cumprido num primeiro momento trazer à colação a definição da palavra *imanente*, sendo compreendida esta como algo que, de forma indissociável, faz parte da própria de um ser ou de um objeto (no sentido físico ou mental). Significa dizer, portanto, que é algo inerente ao próprio ser ou objeto representado, e que, em razão disso, não pode ser dissociado dele. Dessa forma, se diz que contém em si mesmo o seu princípio, o seu meio e o seu fim, ou seja, começa e se encerra em si mesma, não podendo ser separada, pois está intrínseca em si mesmo, na sua própria ideia. Essa definição, portanto, é suficiente para avançarmos na percepção de Brentano sobre a intencionalidade.

Como mencionamos, muitos autores sofreram influência direta de Brentano, todavia, nenhum deles tirou tanto proveito do conceito de intencionalidade brentano quanto Husserl, que foi do empirismo ao transcendentalismo e (re)inventou a fenomenologia. Como afirma

⁷⁷ MARTINS (2017, 88).

⁷⁸ BRENTANO (1995, 68). Também em MARTINS (2017, 88).

⁷⁹ Cfr. em SOLANGE (2019).

MUCHERONI:

Da intencionalidade de seu mestre Brentano, Edmund Husserl (1859-1938) guarda o aspecto da experiência de “ser consciente de alguma coisa”, mas modificará a fenomenologia empírica, para torná-la transcendental, não no sentido ainda espiritual, mas das vivências cognitivas, deixará de lado a visão de empírica, pela de uma objetividade imanente⁸⁰.

Se tivéssemos que apontar uma ideia de Brentano que mais se destaca entre as tantas que serviram de inspiração a Husserl, por exemplo, sem dúvida teríamos que nos referir à ideia de *objetividade imanente*. É sabido que Brentano resgatou de Aristóteles e no escolástico Tomás de Aquino essa ideia de uma *objetividade imanente* e a manejou muito bem no plano empirista, ou seja, a aplicou na psicologia a partir de um ponto de vista empírico. A ideia de “*ser consciente de alguma coisa*” não é, todavia, abandonada por Husserl que a retoma a partir de um ponto de vista mais transcendental, fugindo assim da visão empirista de nosso autor, bem como do idealismo alemão, também combatido por seu mestre. Como aduz MUCHERONI:

“Para ser fiel ao seu pensamento, Husserl afirma em *Ideias da Fenomenologia* (1986) que: “As vivências de conhecimento possuem, isso pertence à sua essência, uma *intentio*, visam algo, se reportam de tal ou tal maneira a uma objetividade”, com isto abandona a ideia do empírico do mestre Brentano, e retoma o conceito de objetividade imanente como uma revisão dos conceitos Aristotélico e Tomista”⁸¹.

Filosoficamente, a ideia de intencionalidade de Brentano possui natureza ontológica⁸² e por

⁸⁰ MUCHERONI (2018, 48).

⁸¹ MUCHERONI (2018, 48).

⁸² Segundo PORTA, a “ontologia é um interesse constante em Brentano, do primeiro ao último trabalho”. Ainda segundo este autor, “ter colocado a reflexão de Brentan dentro da estrutura de suas verdadeiras coordenadas é o

esta razão, também sofreu muitas críticas, principalmente de seus alunos, a exemplo de Husserl. Nesse sentido, a ideia de *ser consciente de alguma coisa*, como afirma Brentano é deixada de lado por Husserl, que avança também em relação a Descartes, para quem *a consciência não vai além de si mesma*, todavia, mantém a sua condição subjetiva, o que significa dizer que *estar consciente é estar consciente de si mesmo*, todavia, nesse ponto também se tem a imanência. Como afirma NASCIMENTO, “o caráter imanente é formado por *cogitationes* (pensamentos) que constituem a vida consciente, consciência psicológica essa que está imbricada na atitude natural à medida que é direcionada por um fenômeno real”⁸³. No modelo cartesiano, na sua atitude natural, o sujeito não compreende o objeto pensado como intencional, e esse é o ponto que fará toda a diferença na filosofia de Brentano, que o vê, necessariamente como intencional. Enquanto Descartes se limitou a duvidar da existência de tudo como meio para provar a existência de Deus, o que na prática significa dizer que “duvidou da existência das coisas fora do eu pensante”, ou seja, “não problematizou uma questão fundamental: como a consciência imanente atinge a transcendência que define o objeto”⁸⁴. Como é cediço, Brentano abandonou a tese ontológica da intencionalidade. Segundo CHISHOLM, “o uso ontológico da palavra “intencional” parece enfraquecer seu discurso pela psicologia”. Segundo ele, “objetos intencionalmente inexistentes foram concebidos como tentativa de compreender a referência intencional, porém, a tentativa não foi bem-sucedida porque os objetos assim concebidos eram intencionalmente inexistentes”⁸⁵.

Entretanto, é importante pontuar que Brentano criou um modelo conceitual original de

mérito inegável do livro indispensável de Smith, Barry: *Austrian Philosophy. The legacy of Franz Brentano*. Chicago y La Salle (Illinois), 1994. Cfr. em PORTA (2002, 98). Incluindo nota 2.

⁸³ NASCIMENTO (2016).

⁸⁴ NASCIMENTO (2016). Para NASCIMENTO, “O sujeito em Descartes percebe, pensa, sente, entende ‘algo’, contudo, nossa consciência não é direcionada às coisas fora do eu pensante, mas às deduções que fazemos das coisas”. *Idem*.

⁸⁵ CHISHOLM, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 12. *Apud* em BRITO (2012, 178).

intencionalidade, no qual as imagens perderam o protagonismo que possuíam na era dos escolásticos, como Tomás de Aquino, de quem, aliás, Brentano saca boa parte de seus fundamentos na elaboração do seu conceito de intencionalidade. Se antes eram elas que ocupavam o status de objetos mentais, em Brentano vai ocorrer o que se pode chamar de um *giro corpenicano*, pois esse autor passa a considerar como imanente à consciência os objetos intencionais, nos exatos termos em que já dissemos alhures. E isso é um fator preponderante para justificar a importância de Brentano para a psicologia e a filosofia, em que pese muitas vezes ser ignorado por quem se utiliza de suas lições⁸⁶.

Em boa medida, o conceito de intencionalidade brentaniano se sustenta em dois pilares filosóficos de importância ímpar para a filosofia: a) na noção de *inexistência intencional*; e b) na noção de *objetividade imanente* (referência a um conteúdo, a um objeto pretendido). Ambos os pilares de inspiração escolástica. A avaliação que se faz é que essa noção de *referência a um objeto* trazida por Brentano, considerada a mais forte e contundente, e que não seria abandonada por ele⁸⁷, não encontra agasalho na doutrina como sendo algo original de nosso autor. Nesse sentido, MCCORMICK nos traz exemplos dessa dúvida (quanto à originalidade). Segundo ele, SPIEGELBERG argumentou que “a noção de referência a um objeto foi uma contribuição original de Brentano”⁸⁸. Por sua vez, Marras teria provado que essa noção não é original, pois além de se tratar de uma ideia que não é incompatível com a ideia escolástica de “*inexistentia intentionalis*”, também é constitutiva dessa ideia. De forma acertada, MCCORMICK evita entrar de cabeça nessa polêmica que, a nosso juízo, é desnecessária. Segundo ele: “Sem entrar nos detalhes dessa polêmica, creio que, com base nos argumentos apresentados até agora, devemos concluir provisoriamente pela origem

⁸⁶ Nesse sentido, veja MCCORMICK (1981, 228).

⁸⁷ Essa ideia é compartilhada, por exemplo, por SPIEGELBERG, H. *The phenomenological movement: a historical introduction*. 2. ed. Netherlands: Martinus Nijhoff/The Hague, 1965. Apud em PIRES (2019). Em ambos os trabalhos se encontram mais informações sobre o abandono por Brentano da ideia de inexistência intencional.

⁸⁸ MCCORMICK (1981, 228).

escolástica dos dois principais elementos da teoria de Brentano; eles não são do próprio Brentano”⁸⁹.

Ao fim e ao cabo, incluindo os dois pilares já mencionados e trabalhados mais detalhadamente em MCCORMICK, vale anotar resumidamente que a teoria da intencionalidade de Brentano consiste em quatro pontos fundamentais. São eles:

- a. *Em todo fenômeno mental há um objeto, o que pode ser compreendido, conforme Brentano, por uma referência a um conteúdo, ou ainda a direção para um objeto (que não necessariamente uma realidade) ou a uma objetividade imanente;*
- b. *A inexistência intencional é atinente exclusivamente aos fenômenos mentais;*
- c. *Não há nada que se assemelha à inexistência intencional nos fenômenos físicos;*
- d. *Os fenômenos mentais contêm em si mesmo, intencionalmente, um objeto;*

Importante aduzir que essas características da formulação do conceito de intencionalidade em Brentano são percebidas de forma distinta a depender do autor. Para PORTA⁹⁰, por exemplo, as principais características são as seguintes:

- a. O termo “intencional” surge como propriedade de certos objetos e não de “atos” ou da relação da consciência a algo;

⁸⁹MCCORMICK (1981, 228).

⁹⁰Cfr. em PORTA (2002, 101). Nessa esteira, PORTA vai dizer que “a noção de “objeto intencional” em PES, como seu equivalente, a de “ser objetivo” como era feita antes, é concebida por Brentano no quadro de uma concepção geral de ser caracterizado pela tese do equívoco, que supõe a diferença entre “ser” e “ser real” ou, mais especificamente,

1. que “ser” e “ser real” não são a mesma coisa;
2. que nem tudo que “é” é real; 3. que existem coisas que “são” e, no entanto, não são reais; 4. ou que existe “Irrealia”. Veja em: PORTA (2002, 101-102).

- b. O objeto intencional é “imane” à consciência. Assim, “intencionalidade” é um atributo dos objetos “da” consciência e não uma relação da consciência a uma entidade exterior a ela;

Como última observação, vale lembrar que Brentano reconhece a existência de oposições ao que chama de propriedades dos fenômenos mentais, como a de Hamilton, para quem, segundo ele, “nega a propriedade indicada para uma classe muito ampla de fenômenos mentais, a saber, todos aqueles que ele chama de sentimentos, prazer e dor, em suas espécies e nuances muito variadas”⁹¹. Não obstante a esse posicionamento contrário de Hamilton, Brentano compreende que em relação ao que chama de fenômenos do pensamento e ao desejo, as ideias do autor escocês coincidem com as dele, onde, manifestamente, não há falar em pensamento sem um objeto pensado, e tampouco em desejo, sem um objeto desejado⁹². O diálogo que Brentano mantém com as ideias de Hamilton são fundamentais para se compreender que nosso autor não concebeu algo do nada, ao contrário, foi construída a partir não só dos escolásticos, mas de autores não muito distantes de si, como é o caso de Hamilton, daí a importância que se observa nos fundamentos que Brentano vai dar ao seu conceito de intencionalidade, ancorado de forma pragmática nas ideias não só do filósofo escocês, mas de tantos outros. Isso talvez explique o que significou e significa até hoje, para as gerações pós-Brentano sua concepção de intencionalidade sustentada por uma gama significativa de ilustres antecessores.

2. Imagem e legado de Brentano – Algumas considerações

Há um consenso na comunidade acadêmica quando se trata de creditar a Brentano a autoria de um conceito de intencionalidade paradigmático (sendo original ou não um ou outro fundamento que tenha utilizado para tal fim), devido à influência que exerceu e continua a

⁹¹ Cfr. BRENTANO, (1995, 68).

⁹² Cfr. BRENTANO, (1995, 68).

exercer até a atualidade, tanto na filosofia quanto na psicologia. Como aduz BOCCACCINI, “o conceito de intencionalidade conforme redefinido por Brentano foi - e continua sendo - um conceito-chave da filosofia da mente dos séculos XX e XXI⁹³. Ainda para este autor,

“No que se refere à primeira imagem de Brentano como um filósofo da intencionalidade, pode-se notar que, mesmo que se verifique nele essa "preocupação capital", ele não nos deixou uma teoria substancial da intencionalidade, mas pedaços de uma teoria fragmentada e dispersa. Assim, muito paradoxalmente, para o filósofo da intencionalidade, o lugar dessa redescoberta conceitual em sua vida permanece quase na periferia de sua filosofia. Ele nunca escreveu um livro dedicado à intencionalidade ou diretamente inspirado por esta questão⁹⁴.

A imagem e a importância de Brentano para a filosofia, no contexto da história da filosofia contemporânea não encontra tanta unanimidade, e isso se deve muito à ausência de uma originalidade irrefutável sob diversos aspectos, muito também por ausência de citação de quem fez uso de sua filosofia para construir a própria, como já dissemos. Segundo BOCCACCINI, “...a imagem de Brentano, positiva ou negativa, é a de um precursor. Um iniciador brilhante, mas muito ligado à tradição escolástica ou, em todo caso, ao passado”. Contra essa imagem de Brentano como um filósofo talentoso, porém, não original, BOCCACCINI adota sem reservas a perspectiva de Wolfgang Stegmüller que considera Brentano um filósofo completamente independente e o situa nas origens das correntes filosóficas do século 20 (incluindo aí a filosofia da linguagem), especialmente do ponto de vista epistemológico, como um filósofo da evidência⁹⁵.

⁹³ Cfr. BOCCACCINI (2019, 1).

⁹⁴ Cfr. BOCCACCINI (2011, 82).

⁹⁵ Cfr. BOCCACCINI (2011, 82).

Conclusão

Como afirmado na introdução, o presente trabalho não pretendeu desenvolver nenhuma nova concepção, mas tão somente visitar os principais postulados filosóficos deixados por Franz Brentano, dentre os quais se destacam sua classificação dos fenômenos mentais e seu conceito de intencionalidade, em que pese não ter escrito nenhum livro ou trabalho específico sobre este tema. Assim, no segundo tópico, tratamos de Brentano desde sua fase como escolástico ao movimento levado à efeito por seus principais alunos, que ficou conhecido como escola brentaniana ou brentanismo (bem aos moldes do helenismo de Alexandre), concluimos que além de impactante e profunda, a influência que Brentano exerceu em seus alunos (positiva ou negativa), evidencia muito de sua importância para a filosofia e a psicologia, enquanto ciências fundamentais para a humanidade.

Nesse contexto, ao fazermos uma aproximação à sua obra *psicologia do ponto de vista empírico*, concluimos que seu legado talvez não esteja onde deveria estar em termos de importância para as ciências humanas, dada a dimensão que alcança em termos de profundidade filosófica. Epistemologicamente, tem-se no trabalho de Brentano um conjunto de ideias que não é possível de ser explorado tão facilmente, pois a contundência que se verifica nas palavras desse autor, sequer se aproxima de uma taxatividade definitiva, e não se encerra em si mesma. Ao contrário, o que se verifica é uma vasta gama de possibilidade de continuidade de seu pensamento, não sendo possível, portanto, parafraseando Wittgenstein, *jogar fora a escada depois de subir por ela*⁹⁶. E isso pode ser visto quando nosso autor trata da distinção entre os fenômenos físicos e mentais, âmbito de onde, por sinal, extrai os pilares de uma teoria da intencionalidade, que por toda a dimensão filosófica mereceria uma obra única assinada por Brentano, o que não ocorreu.

⁹⁶ WITTGENSTEIN (2009, Af. 6.54).

Este trabalho poderia se encerrar apenas no segundo tópico, mas a atração exercida pelo pensamento de Brentano nos conduziu a tratar de forma mais específica, porém, apenas perfunctoriamente, sobre a teoria da intencionalidade, mormente sobre a ideia de uma *in-existência intencional*, que não significa, como vimos, ausência de intencionalidade, mas sua constatação por intermédio da “presença” de um objeto, cuja referência é imanente a ele mesmo, isto é, uma *objetividade imanente*. Talvez, justamente por não ter desenvolvido especificamente uma teoria da intencionalidade, é que tem sido possível a filósofos de diversas gerações, desenvolverem teses e teorias sobre a intencionalidade, partindo de onde encerrou Brentano, que trouxe os pilares de uma teoria ao tratar dos critérios de distinção entre categorias distintas de fenômenos mentais.

Algumas interrogações surgidas e que ficarão, neste trabalho, sem respostas, a partir da noção de intencionalidade de Franz Brentano se fazem necessárias antes de pormos termo a este trabalho, e que deverão servir de ponto de partida, talvez como problema de pesquisa para o próximo trabalho que se pretende levar à efeito a partir dos postulados estabelecidos por Brentano. São as seguintes as questões:

- a. Considerando que também são fenômenos mentais (estados mentais) a vontade, o conhecimento, a previsibilidade, a aceitação, a indiferença e a decisão, é possível afirmarmos que se acomodam tanto na classe de representação quanto na de juízo?
- b. Aceitando-os como fenômenos mentais pertencentes tanto à representação, quanto ao juízo, é possível provar sua incidência nos atos? Como?
- c. Provando-os, é possível exportar o conceito brentariano para outras áreas da ciência, como as ciências jurídicas?

Bibliografia

BOCCACCINI, Federico. *Franz Brentano et le principe de référence intentionnelle*. Tese de doutoramento em filosofia. Publisher: 'Pisa University Press'. Topics: M-FIL/06. Pg. 82, 2011. Disponível em <https://bit.ly/3uh1p8t>. Consulta realizada em 04 de maio de 2021, às 06:12hs.

_____. Brentano's Philosophy, and Intentionality. General Introduction » », in M. Antonelli, F. Boccaccini (eds), *Franz Brentano Critical Assessment*, Vol. 1, London, Routledge, pp. 1-22, 2019.

BRENTANO, Franz. *Psychology from an Empirical Standpoint*. London and New York: Routledge, 1995, p. 4.

_____, Franz. *The Four Phases of Philosophy and Its Current State*. In MEZEL, Balázs M. and SMITH, Barry. *The four phases of philosophy*, pg. 19. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/MEZTFP>. Consulta realizada em 22/04/2021, às 18:13.

BRITO, Evandro O. *Franz Brentano, correspondência e verdade: uma exposição esquemática da análise de Franz Brentano apresentada no texto Über den Begriff der Wahrheit (1889)*. Revista Guairacá - p. 113 - 140 - Número 28 - 2012.

CERQUEIRA, João Luiz Cosmi. *A Teoria das Descrições de Bertrand Russell*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 09, Vol. 1, pp. 17-34, Setembro de 2018. ISSN:2448-0959. Disponível em: <https://bit.ly/3ehedpu>. Consulta realizada em 03 de maio de 2021, às 20:35hs.

CHISHOLM, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 12. Apud em BRITO, Evandro O. A descrição da atividade intencional da consciência na obra psicologia descritiva de Franz Brentano. Kinesis, Vol. IV, nº 07,

julho de 2012, p. 174-187, p. 178.

HAMILTON, Sir William. *Lectures on Metaphysics and Logic*. HardPress Publishing, Vol. I, p. 423.

HERBART, Johann Friedrich. *Psychologie als Wissenschaft*, Part II, Sect. 1, Chap. 1, N° 103, 1968.

MARTINS, Ricardo Evandro S. *Brentano e Nishida: sobre o psicologismo da escola de Kyoto*. Revista Guairacá de Filosofia, Guarapuava-PR, V33, N2, P. 82-90, 2017.

MCCORMICK, P. *Sur le développement Du concept de l'intentionnalité chez Brentano et Husserl*. Philosophiques, vol. 8, n° 2, 1981, p. 227-237, p. 228.

MEZEI, Balázs M. and SMITH, Barry. The four phases of philosophy, pg. 19. Rodopi, 1994. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/MEZTFP>. Consulta realizada em 22/04/2021, às 18:13.

MUCHERONI, Marcos Luiz. *Tomismo e fenomenologia - AQUINATE*, n. 35, (2018), 47-61 – p. 48. Disponível em: <https://bit.ly/3gXhTP6>. Consulta realizada em 03/05/2021.

NASCIMENTO, Carine Santos. *A vivência intencional da consciência pura em Husserl*. Revista Filo Gênese, n° 9, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3h4ixup>. Consulta realizada em 03 de maio de 2021, às 18:20hs.

PIRES, Jesuino Junior. *Franz Brentano e a distinção entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos*. Guairacá Revista de Filosofia, Guarapuava-PR, V35, N1, P. 34-55, 2019.

PORTA, Mario Ariel González. *Franz Brentano: equivocidad del ser y objeto intencional*. Belo Horizonte, nº 105, Jun/2002, p.97-118.

SÁNCHEZ-MIGALLÓN, Sergio. *Franz Brentano*. Universidad de Navarra. Disponível em <https://bit.ly/2Ssum3j>. Consulta realizada em 03 de maio de 2021, às 20:02hs.

SOLANGE, Aparecida de Campos Costa. (2019). *Vocação de poeta ou do trágico como tarefa da poesia em Hölderlin*. Griot: Revista de Filosofia, 19(1), 197-214. <https://doi.org/10.31977/griofi.v19i1.1132>. Consulta realizada em 03/05/2021, às 15:26hs.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*, Trad. de Luis Henrique Lopes dos Santos, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Referencias

1 Doutrina que preconizava que estava correto tudo o que era dito e feito pelo ocupante da cadeira de São Pedro.

2 Obra onde nosso autor trata dos principais temas que guiarão toda a sua filosofia, mormente por reformular, a partir da escola clássica aristotélica e dos escolásticos, com destaque especial para Tomás de Aquino, o conceito de intencionalidade, depois de dar uma nova classificação para os fenômenos mentais.

3 De tão emblemático o tema tratado primeiramente na Psicologia do ponto de vista empírico, a classificação formulada por Brentano mereceu por parte de si uma obra separada, cujo título em inglês é: *The Classification of Mental Phenomena*.

4 Primeira obra do autor a ser traduzida para o inglês, em 1902.

5 Em 1896 ele se estabeleceu em Florença, na Itália, onde se casou com Emilie



ATATÔT

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS

ISSN 2675-9292

Ruprecht em 1897.

6 *Meine letzten Wünsche für Österreich.* Nesta mesma obra Brentano expôs seu posicionamento filosófico, bem como sobre a psicologia.

7 Exemplo disso é a afirmação de Brentano de que em todo fenômeno psíquico há algo dado como objeto imanente, que foi alvo de muitas críticas por parte de alguns de seus discípulos. Vide *infra*.

8 O fato de Brentano ter sido ignorado na filosofia e psicologia, ou, na pior das hipóteses não ter tido o reconhecimento merecido se deve em boa parte pela ausência de citação por parte de quem usufruía de sua doutrina para formular as próprias.

9 Edmund Husserl (1869 – 1938), matemático e filósofo alemão, que ao romper com o positivismo que orientava a filosofia de sua época, arquitetou a escola da fenomenologia. A exemplo de Freund, é um dos mais ilustres influenciados de Brentano.

10 Alexius Meinong (1853 – 1920), filósofo austríaco, autor da teoria dos objetos não existentes, “defende a tese de que o ato de pensar possui um objeto determinado, seja ele existente ou não existente. Propõe a distinção entre este objeto e seu conteúdo. Quando pensamos em algo existente, temos o objeto e o seu conteúdo.

No caso de pensarmos em algo não existente, teríamos apenas o objeto determinado, mas não o seu conteúdo. De todo modo, teríamos sempre a referência a um objeto determinado no ato de pensar, seja ele existente ou não existente”. CERQUEIRA (2018).

11 Christian von Ehrenfels (1856 – 1932), filósofo austríaco que contribuiu para psicologia da Gestalt, que estuda as sensações (dado psicológico) de espaço-forma e tempo-forma (o dado físico).

12 Anton Marty (1847 – 1914), foi um filósofo austríaco e sacerdote católico nascido na Suíça.

13 Carl Stumpf (1848 – 1936), foi um filósofo e psicólogo alemão.

14 Kasimir Twardowski (1866 – 1938), foi um filósofo e analítico polonês.

15 Sigmund Freud (1856 – 1939), foi um médico neurologista austríaco e psiquiatra criador da psicanálise.



ATÂTÔT

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS

ISSN 2675-9292

- 16 Ele fornece um esboço e uma interpretação da filosofia de Aristóteles
- 17 Em Aristoteles, *Lehre vom Ursprung des menschlichen Geistes*, Brentano continua um debate com Zeller. Esse debate já havia começado na década de 1860, quando Brentano criticou a interpretação de Zeller de Aristóteles em sua *Psicologia de Aristóteles* e tornou-se bastante intenso e agressivo nas décadas de setenta e oitenta do século XIX.
- 18 Trata-se da Primeira Guerra Mundial, onde a Itália declarou guerra contra a Alemanha e o Império Austro-Húngaro.
- 19 (coletânea de obras após a morte)
- 20 Sobre a PES – Psicologia do ponto de vista empírico, PORTA vai dizer que ela “marca uma evolução qualitativa no pensamento de Brentano, que do comentário de Aristóteles agora passa para o trabalho sistemático. O conceito de intencionalidade é formulado “explicitamente” pela primeira vez neste trabalho”. Cfr. em PORTA (2002, 101).
- 21 Segundo Sánchez-Migallón, Sergio. Franz Brentano. Universidad de Navarra. Disponível em <https://bit.ly/2Ssum3j>. Consulta realizada em 03 de maio de 2021, às 20:02hs, “Brentano tenta combater, por um lado, a arbitrariedade dos idealistas e neokantianos (ambos carregados, segundo ele, de preconceitos que não são evidentes nem comprovados), propondo apenas a experiência como critério de verdade”.
- 22 PIRES (2019, 38).
- 23 MEZEI and SMITH, (1994, 19).
- 24 MEZEI and SMITH, (1994, 19).
- 25 Ainda, para este autor, “Restaurando a objetividade na investigação filosófica, com um fundacionalismo robusto, Brentano toma seu lugar entre os grandes filósofos do período moderno tardio, antecipando e criando as condições para o ressurgimento do realismo na filosofia analítica e na fenomenologia iniciais. Contribuindo de forma substancial para dois temas principais da filosofia moderna tardia, ou seja, a revolta contra o idealismo e a ascensão de uma filosofia científica, o impacto de Brentano na filosofia da mente é comparável ao de Bolzano e Frege na lógica”. Cfr. BOCCACCINI (2019, 6).



ATÁTÔT

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS

ISSN 2675-9292

26 BRENTANO, Franz. *Psychology from an Empirical Standpoint*. London and New York: Routledge, 1995, p. 4.

27 BRENTANO, (1995), p. 4.

28 BRENTANO, (1995, 14). Ainda Segundo Brentano, “Podemos dizer que existe algo que, sob certas condições, causa esta ou aquela sensação”, portanto, e em razão disso, “a verdade dos fenômenos físicos é, como dizem, apenas uma verdade relativa”, o que, a nosso juízo, é uma mentira, pois não há falar em verdade senão se tem um conjunto (objeto) íntegro em sua plenitude.

29 BRENTANO, (1995, 15). Para Brentano, “a dignidade de uma ciência não aumenta somente segundo a maneira como é conhecida, mas também com a dignidade de seu objeto”. Ainda segundo Brentano, numa clara demonstração de paixão pela psicologia, “os fenômenos cujas leis a psicologia investiga não se distinguem dos fenômenos físicos por que sejam verdadeiros e reais em si mesmos, mas também porque são incomparavelmente mais bonitos e sublimes”. Idem.

30 BRENTANO, (1995, 15).

31 BRENTANO, (1995, 59).

32 BRENTANO, (1995, 59).

33 BRENTANO, (1995, 59).

34 BRENTANO, (1995, 60).

35 BRENTANO, (1995, 60).

36 BRENTANO, (1995, 60).

37 BRENTANO, (1995, 61).

38 BRENTANO, (1995, 61). Nesse contexto é que este autor afirma que as representações são o fundamento dos demais fenômenos psíquicos. Amparando-se em Herbart, vai concordar que “cada vez que temos um sentimento, haverá algo representado na consciência, mesmo que seja algo muito diversificado, confuso e variado, de modo que esta representação particular está incluída neste sentimento particular. Da mesma forma, sempre que desejamos algo ... temos em mente o que desejamos”.



ATATÔT

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS

ISSN 2675-9292

Cfr. em HERBART (1968).

39 BRENTANO, (1995, 65).

40 BRENTANO, (1995, 65).

41 Cfr. em Cfr. BRENTANO, (1995, 138).

42 Cfr. BRENTANO, (1995, 138). Esta divisão de Aristóteles, segundo Brentano, constata que o filósofo grego, no sentido moderno da expressão, teria dividido as atividades mentais em apenas dois grupos: a) comuns aos animais e as peculiares ao homem. Cfr. idem.

43 Cfr. BRENTANO, (1995, 138).

44 Cfr. em BRENTANO, (1995, 139).

45 Cfr. em mais detalhes em BRENTANO, (1995, 139).

46 Johannes Nikolaus Tetens (1736 - 1807) foi um filósofo, estatístico e cientista alemão-dinamarquês.

47 Moses Mendelssohn, (1729 - 1786), foi um filósofo, iluminista alemão.

48 Cfr. em BRENTANO, (1995, 141).

49 Cfr. em BRENTANO, (1995, 141).

50 Cfr. em BRENTANO, (1995, 141). O que fez Kant, segundo Brentano foi utilizar a classificação de Tetens e Mendelssohn no desenvolvimento de suas concepções, fazendo-o da seguinte maneira: Em sua Crítica da razão pura trata da faculdade cognitiva na medida em que contém os princípios do próprio conhecimento; a Crítica do Julgamento com a faculdade cognitiva na medida em que contém os princípios do sentimento; e a Crítica da Razão Prática com a faculdade cognitiva na medida em que contém os princípios do desejo. Idem, onde se obtém tais informações com mais riqueza de detalhes.

51 Cfr. em BRENTANO, (1995, 141-142). Brentano aqui faz a referência à obra de S. William Hamilton, metafísico escocês, 1788-1856. HAMILTON, Sir William. *Lectures on Metaphysics and Logic*. HardPress Publishing, Vol. I, p. 423.



ATÁTÔT

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS

ISSN 2675-9292

52 Cfr. em BRENTANO, (1995, 147).

53 Alexander Bain (1818 - 1903) foi um filósofo e educador escocês da escola britânica de empirismo e uma figura proeminente e inovadora nos campos da psicologia, linguística, lógica, filosofia moral e reforma educacional.

54 Cfr. em BRENTANO, (1995, 148).

55 Segundo os dicionários on-line (<https://bit.ly/3e42Q11>): Apresentação é ação de se apresentar, de aparecer diante de alguém. Texto escrito através do qual uma pessoa se apresenta e manifesta seu interesse pessoal para ocupar um cargo: carta de apresentação. Documento escrito que recomenda alguém para um cargo. Maneira com a qual alguém se apresenta; aparência. Ação em que um espetáculo é exibido ao público; exibição. Demonstração pública e publicitária de algo não conhecido. Ação de fazer com que algo se torne conhecido ou seja submetido ao julgamento de alguém: apresentação de uma dissertação. Parte introdutória de uma obra em que o autor e/ou o conteúdo são apresentados; prefácio.

56 Cfr. em BRENTANO, (1995, 148).

57 Cfr. em BRENTANO, (1995, 62).

58 Cfr. em BRENTANO, (1995, 62).

59 Cfr. em BRENTANO, (1995, 62).

60 Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

61 Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

62 Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

63 Cfr. em BRENTANO, (1995, 153). Desafortunadamente, primando por uma compreensão mais coadunada com o que pretendeu dar Brentano, alteramos a palavra *presentation*, constante no texto inglês, para *representation*, e isso pelos motivos que elencamos acima, pois o termo utilizado no original é *Vorstellung*.

64 BRITO (2012, 117).

65 Cfr. em BRENTANO, (1995, 68).



ATATÔT

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS

ISSN 2675-9292

66 Cfr. em BRENTANO, (1995, 68).

67 Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

68 Cfr. em BRENTANO, (1995, 153).

69 Cfr. em BRENTANO, (1995, 156).

70 Cfr. em BRENTANO, (1995, 156). Segundo Brentano: “o desejo é um segundo modo inteiramente novo e peculiar de referência ao objeto; um segundo tipo inteiramente novo de recepção do objeto na consciência. Nada é julgado que não seja representado; mas sustentamos que, assim que o objeto de uma representação se torna o objeto de um julgamento afirmativo ou negativo, a consciência entra em uma classe de referência inteiramente nova. O objeto é recebido na consciência duplamente, conforme representado e afirmado ou negado; assim como, quando o apetite é dirigido a ele, é o objeto inerente representado, bem como desejado”. Idem.

71 Cfr. em BRENTANO, (1995, 156).

72 Cfr. em BRENTANO, (1995, 153). Este autor lembra que Kant, pelo menos, usou a palavra (mente) em um sentido ainda mais amplo do que o nosso, uma vez que ele caracteriza toda faculdade mental, mesmo a de conhecimento, como uma faculdade de emoção. Idem.

73 Segundo PORTA, “na compreensão de Brentano, não é possível fazer filosofia senão em diálogo com os clássicos, partindo de seu estudo e tendo como referência um professor”. Cfr. em PORTA, (2002, 98).

74 BRENTANO, (1995, 68). Trazendo à baila uma previa do que viria a tratar num apartado exclusivo, Brentano alude que “na representação existe algo representado, no juízo, existe algo admitido ou rechaçado, no amor, amado, no ódio, odiado etc.”

75 Cfr. BRENTANO, (1995, 68). Não obstante Brentano ter feito referência aos escolásticos, é importante pontuar que filósofos antes dos escolásticos, como o próprio Aristóteles, e depois dele o helenístico Filón de Alejandria (20 aC – 45dC), Tomás de Aquino (1225 – 1274), Santo Anselmo (1033 – 1109) etc. Santo Tomás de Aquino, por exemplo, ensina que o que é pensamento é intencionalmente aquele em que você pensa; o objeto do mestre, no amante; o que é desejado, em quem é desejado, e usa essas afirmações para fins teológicos. Explica a herança do Espírito Santo, da qual as



ATÂTÔT

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS

ISSN 2675-9292

Escrituras falam, como uma herança intencional por meio do amor. E tenta também encontrar uma certa analogia com o mistério da Trindade e da origem da Palavra e do Espírito *ad intra*, na existência intencional que existe no pensamento e no amor. Cfr. mais detalhes em BRENTANO (1935, 82, nota 16).

76 Em português, tem-se a seguinte tradução para o trecho completo da afirmação de Brentano: “Todo fenômeno mental é caracterizado pelo que os Escolásticos da Idade Média chamam de in-existência intencional (ou mental) de um objeto, e o que podemos chamar, embora não totalmente inequívocos, de referência a um conteúdo, a direção a um objeto (que não deve ser entendido aqui como significando uma realidade), ou objetividade imanente. Todo fenômeno mental inclui algo como objeto em si mesmo, embora nem todos o façam da mesma maneira. Na representação algo é representado, no juízo algo é afirmado ou negado, no amor amado, no ódio odiado, no desejo desejado e assim por diante. Essa in-existência intencional é característica exclusivamente dos fenômenos mentais. Nenhum fenômeno físico exhibe algo parecido. Podemos, portanto, definir os fenômenos mentais dizendo que eles são aqueles fenômenos que contêm um objeto intencionalmente em si mesmos.” (Brentano PES, 68)

77 MARTINS (2017, 88).

78 BRENTANO (1995, 68). Também em MARTINS (2017, 88).

79 Cfr. em SOLANGE (2019).

80 MUCHERONI (2018, 48).

81 MUCHERONI (2018, 48).

82 Segundo PORTA, a “ontologia é um interesse constante em Brentano, do primeiro ao último trabalho”. Ainda segundo este autor, “ter colocado a reflexão de Brentano dentro da estrutura de suas verdadeiras coordenadas é o mérito inegável do livro indispensável de Smith, Barry: *Austrian Philosophy. The legacy of Franz Brentano*. Chicago y La Salle (Illinois), 1994. Cfr. em PORTA (2002, 98). Incluindo nota 2.

83 NASCIMENTO (2016).

84 NASCIMENTO (2016). Para NASCIMENTO, “O sujeito em Descartes percebe, pensa, sente, entende ‘algo’, contudo, nossa consciência não é direcionada às coisas fora do eu pensante, mas às deduções que fazemos das coisas”. Idem.



ATÂTÔT

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS

ISSN 2675-9292

85 CHISHOLM, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 12. Apud em BRITO (2012, 178).

86 Nesse sentido, veja MCCORMICK (1981, 228).

87 Essa ideia é compartilhada, por exemplo, por SPIEGERBERG, H. *The phenomenological movement: a historical introduction*. 2. ed. Netherlands: Martinus Nijhoff/The Hague, 1965. Apud em PIRES (2019). Em ambos os trabalhos se encontram mais informações sobre o abandono por Brentano da ideia de inexistência intencional.

88 MCCORMICK (1981, 228).

89 MCCORMICK (1981, 228).

90 Cfr. em PORTA (2002, 101). Nessa esteira, PORTA vai dizer que “a noção de “objeto intencional” em PES, como seu equivalente, a de “ser objetivo” como era feita antes, é concebida por Brentano no quadro de uma concepção geral de ser caracterizado pela tese do equívoco, que supõe a diferença entre “ser” e “ser real” ou, mais especificamente,

1. que “ser” e “ser real” não são a mesma coisa;

2. que nem tudo que “é” é real; 3. que existem coisas que “são” e, no entanto, não são reais; 4. ou que existe “Irrealia”. Veja em: PORTA (2002, 101-102).

91 Cfr. BRENTANO, (1995, 68).

92 Cfr. BRENTANO, (1995, 68).

93 Cfr. BOCCACCINI (2019, 1).

94 Cfr. BOCCACCINI (2011, 82).

95 Cfr. BOCCACCINI (2011, 82).

96 WITTGENSTEIN (2009, Af. 6.54).